



Coimbra - cenário importante de nossa história. O leitor, no capítulo final do livro, 'Fotos Históricas', encontrará outras fotos referentes à trama do livro.

(gentileza de Chico Xavier)

## A DOR

Após a triste manhã de 7 de janeiro de 1355, o ambiente estava tenso, pesado...

Pairava sobre Portugal uma atmosfera carregada de nuvens ameaçadoras, antecipando décadas de incertezas.

De fato, o ano se iniciara pleno de prenúncios nada animadores para o príncipe herdeiro e Inês de Castro.

Naquela trágica manhã de meados do século XIV, a Idade Média seguia seu rumo, já distante da noite medieval que assinalou o período de 400 a 800 d.C, trazendo em seu bojo a conquista da definição de algumas nacionalidades ocidentais, como ocorreu com a antiga Lusitânia.

A dinastia dos Afonsos estava no seu apogeu.

Alcançada a estabilidade político-administrativa do reino, sobretudo após a

expulsão dos mouros definida pela Batalha do Salado, Portugal caminhava com a mansa tranqüilidade das águas do Mondego.

Suas fronteiras internas, já definidas, e as bandas ocidentais abrindo-se para o mundo desconhecido favoreciam a saga dos desbravadores marítimos, preparada com descortino por D. Dinis, com a sementeira dos pinhais da Leiria.

Inês já não vivia, brutalmente decapitada que fora por incompreensível e impiedosa decisão de Afonso IV, embasada nas sempre alegadas razões de Estado.

O corpo inerte, carinhosamente recomposto e vestido por piedosa freira do Convento de Santa Clara, aguardava a prevista chegada de D. Pedro, o I de Portugal, retornando da então tradicional caçada nos arredores de Coimbra, a que se lançara com seu cunhado e séquito.

O infante, mesmo advertido por Inês dias antes e, nos últimos tempos, por sua mãe, a rainha Beatriz, e amigos próximos, a respeito do risco que a companheira corria, fora tranqüilo à festiva caçada em Penacova e imaginava, pressuroso, voltar e rever Inês e os filhos.

Inês, contudo, repousava no Plano Espiritual, diretamente socorrida por Isabel de Aragão, a rainha Santa.

Aos motivos que embasaram o cerne da determinação amarga de D. Afonso IV nos referiremos mais tarde.

São o corolário das paixões humanas, do poder, das arcanas razões de Estado que desaguam em decisões inapagáveis na consciência de quem as perpetrou.

Vamos à descrição do triste acontecimento segundo o relato da história e as informações espirituais.